

O Boticão de Angeja

(SEMANARIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Anno 12500, 8 mezes 12000, 4 mezes 500, Brazil 85000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

REDACTORES

RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO E ANNIBAL VASCO LEÃO

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS

Por linha 40, Repetições 20, Reclames no corpo do jornal 50 reis. — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.

SUMMARIO

Continuação do Discurso. Noticiario.

Secção litteraria :

A mentirosa—Alphonse Daudet.
A casa do coração (poesia)—Anthero de Quental.
A noiva—A. Leão Martins.
Naufragio (poesia)—Jayme de Seguiet.
Dolorosa (poesia)—Alfredo Alves.
Primeira lagrima (poesia)—Accacio Paiva.
Madaglena (poesia)—João Chrysotomo.
Horas Vagas—Narciso d'Albuquerque.

ANGEJA, 15 DE JUNHO DE 1887

Discurso proferido pelo sr. ministro do reino, José Luciano de Castro, na sessão de 3 de maio, e que devia ler-se a pag. 375. col. 2.ª, em resposta a um discurso do sr. Lopo Vaz.

(Continuado do n.º 14)

Foi esta circumstancia o que nos determinou a propor um candidato á presidencia. (Apoiados).

Se a maioria da camara entendia que devia continuar a viver em boa paz conosco, e que não era chegada a occasião de romper as trengas que tinha pactuado, cumpriria-lhe entrar em relações francas com o governo e votar no cavalheiro que indigitavamos, o sr. Francisco de Campos, que não tinha n'esta casa uma situação por tal fórma accentuada contra o partido regenerador, que não podesse merecer os seus votos. (Apoiados).

Mas em vez d'isso, a antiga maioria acceitou a lucta no terreno em que o governo lh'a offerencia, e elegeu o seu candidato contra o nosso.

Não seria isto um acto de hostilidade contra o governo? Poderiamos nós depois de tão clara manifestação, recuar, diante do conflicto com a maioria regeneradora? (Apoiados).

N'estas circumstancias entendemos que não podiamos hesitar um momento, e por isso tomámos a deliberação de aconselhar á corôa a dissolução da camara.

Aqui tem v. ex.ª explicado o procedimento do governo até ao momento de se romper a tregua a que o illustre deputado se referiu, tendo sido a maioria regeneradora quem deu logar a esse rompimento pelo facto de provocar uma lucta contra o governo, na eleição da presidencia da camara. (Apoiados). Esse conflicto foi que levou o governo a propor a dissolução da camara. (Apoiados).

Mas deixemos a questão das treguas partidarias e entremos na questão da dictadura.

Todos os esforços do illustre deputado que me precedeu dirigiram-se a mostrar que o governo assegurára perante a camara que não tinha tenção de fazer dictadura; que, na occasião em que o governo foi aqui interrogado, eu e outros ministros, e principalmente o sr. ministro da marinha, haviamos declarado que não estava no nosso proposito assumir a dictadura.

Em primeiro logar, muito categoricamente affirmo que nunca disse que não faria dictadura. As minhas palavras foram muito calculadas; uem eu, nem o sr. ministro da marinha, fizemos tal declaração.

O que se passou foi o seguinte: Alguns dos illustres deputados perguntaram-nos se estavamos resolvidos a assumir a dictadura, e nós respondemos que a dictadura não se decretava, nem se annunciava, e que as circumstancias é que a poderiam impor como indispensavel, mas que não podiamos prever essas circumstancias. (Apoiados).

Não tenho, porem, duvida em declarar agora com toda a verdade, com a lealdade do meu character e com todo o desassombro de que sou capaz, que a minha opinião n'este momento era que a dictadura seria indispensavel.

Todavia, é fóra de duvida que o procedimento da maioria que começára por conceder-nos uma tregua, podia, não direi, dissipar ou fazer desaparecer o pensamento do governo, mas modificá-lo mais ou menos profundamente.

Mas, observou ainda s. ex.ª, «as razões que determinaram a dictadura já existiam n'essa occasião».

E' isso inteiramente exacto, e posso declarar a v. ex.ª francamente que as circumstancias que obrigaram o governo a pedir a El-Rei a dissolução da camara e a propor a dictadura, já existiam n'essa occasião.

Para que querem os illustres deputados que eu esteja faltando á verdade que devo ao paiz, e dizendo agora o contrario do que então sentia?

O governo não podia deixar de responder o que respondeu. (Apoiados).

Disse que não tinha n'aquelle momento resolvido assumir a dictadura; que a dictadura não se annunciava, mas que era possivel vir mais tarde essa necessidade.

E o que agora digo bem claramente o expuz no relatório da reforma administrativa. (Apoiados). Entendendo que era preferivel fallar francamente ao paiz, n'uma linguagem desassombrosa e leal, e explicar sem rodeios os motivos que determinaram o governo a investir-se em poderes dictatoriaes.

Esses motivos foram de duas ordens; economicos e politicos.

Uns sem os outros não incitariam e governo a entrar em dictadura; ambos junctos eram mais que bastantes para determiná-lo a propô-la é aconselhá-la.

As razões politicas quaes eram? Todos as conheciam. (Apoiados).

S. ex.ª não pôde contestar a evidencia e a força d'essas razões; tanto assim, que todos os dias perguntavam aqui ao governo se elle estava resolvido a fazer dictadura, (Apoiados), provando assim que reconheciam e sentiam bem essa necessidade indeclinavel. (Apoiados).

Era porque a ultima reforma da parte electiva da camara dos dignos pares tinha sido feita de tal maneira, que o governo não podia de modo algum constitucionalmente, se não reformasse em dictadura o código administrativo, a fim de poder effectuar a nova eleição dos corpos administrativos e alterar completamente a base eleitoral da camara dos pares.

V. ex.ª sabe que, segundo a lei eleitoral da parte electiva da camara dos pares, as corporações administrativas, juntas geraes e camaras municipaes, constituem uma parte essencial dos collegios eleitoraes.

Ora, tendo sido feita esta eleição no tempo do governo anterior, é evidente que, ainda que o gabinete obtivesse da corôa a dissolução da parte electiva da camara dos pares, ficaria nas mesmas condições, porque o resultado da eleição não lhe podia ser favoravel; isto é, voltaria nova maioria regeneradora e o ministerio ver-se-hia impossibilitado de governar. (Apoiados).

Ou haviamos, portanto, de fazer em dictadura a reforma da lei eleitoral da camara dos pares, o que para mim não era um peccado constitucional mais leve do que fazer em dictadura a reforma administrativa, (Apoiados) ou haviamos de fazer esta reforma, e proceder a novas eleições das camaras municipaes e das juntas geraes dos districtos, alterando d'essa maneira o corpo eleitoral não em nosso proveito, mas em beneficio de todos, (Muitos apoiados), porque as eleições das juntas geraes que então existiam, tinham sido feitas debaixo do influxo de uma politica partidaria exclusiva. (Muitos apoiados).

Evidentemente, se dissolvessemos a parte electiva da camara dos pares e procedessemos a novas eleições, não podiamos esperar obter uma maioria que nos acompanhasse. N'estas condições entendi que deviamos pôr claramente a questão. (Apoiados).

Por isso o relatório da reforma administrativa expressamente diz que para restabelecer o equilibrio entre os partidos era absolutamente necessario que se fizesse a reforma administrativa como se fez. (Apoiados).

Podiamos nós proceder de outro modo? (Apoiados). Supponham que não tinhamos feito a reforma n'estes termos, que tinhamos renunciado á dictadura. O que aconteceria era que o governo não poderia aspirar a viver mais do que alguns mezes; dentro em pouco tempo a existencia ministerial estaria terminada, porque era absolutamente impossivel governar sem maioria n'uma das camaras. (Apoiados).

Aqui tem v. ex.ª e a camara as

razões que aconselharam o governo a lançar mão da dictadura, como impreterivel necessidade da sua existencia (Apoiados).

Houve alem d'estas razões de ordem politica, que são evidentemente da mais alta importancia, como acabo de expor, razões economicas e financeiras.

V. ex.ª sabe perfeitamente que a situação administrativa do paiz era deploravel, (Apoiados), que a anarchia tributaria era completa, (Apoiados), que a desordem financeira dos municipios era extraordinaria. (Apoiados), e que, portanto, se tornava indispensavel pôr termo a esta situação.

A's razões politicas juntavam-se as razões economicas e as considerações financeiras. Não podiamos cuidar seriamente da organização da fazenda do estado, sem primeira mente cuidarmos de organizar as finanças municipaes e locais. Era necessario pôr um limite á acção tributaria das camaras municipaes e das juntas geraes, sem o que não podiamos cuidar de organizar seriamente as finanças do estado.

N'estas condições entendemos que podiamos e deviamos assumir as responsabilidades da dictadura.

Se entendessemos que por qualquer outro motivo que não fosse este, podiamos satisfazer a mesma ordem de interesse, seguramente não teriamos recorrido á dictadura, porque sou o primeiro a confessar quanto me repugna esse recurso extremo. (Apoiados).

V. ex.ª sabe que todo o homem educado no systema liberal não pôde deixar de professar um grande respeito pelos principios constitucionaes. (Apoiados). Eu pertencço a esse numero.

Muitas vezes tenho combatido n'esta camara governos que têm assumido a dictadura. (Apoiados).

V. ex.ª sabe que muitas vezes ao lado de v. ex.ª e dos meus amigos politicos tenho combatido diversos governos por haverem assumido a dictadura sem motivo nem razão plausivel, e portanto é evidente que eu seria o primeiro a oppor-me a que o governo se lançasse n'esse caminho, se esse procedimento não fosse justificado por circumstancias imperiosas. (Apoiados).

Sr. presidente, as razões que tenho exposto á camara não são mais do que a reproducção das que vem no relatório da reforma administrativa, que foi a medida mais importante da dictadura. Essas razões parecem-me sufficientes para justificar o governo do caminho que seguiu.

O sr. Lopo Vaz occupou-se ainda de muitos outros assumptos e sobretudo quando se referiu á reforma administrativa, fez sobresair a circumstancia de se affirmar no relatório d'essa reforma que era unanime a opinião sobre a sua necessidade.

E' verdade que no relatório se affirma essa opinião; mas o que eu não disse é que todos estavam de accordo em reformar n'um certo sentido a administração publica.

O que disse foi que era unanime a convicção da necessidade d'essa reforma. (Apoiados). Foi isto que eu disse e nada mais.

Pelo que respeita ás outras considerações de s. ex.^a no tocante a diferentes actos do governo, não responderei agora; porque como s. ex.^a mesmo disse, melhor cabimento terá essa resposta na discussão do bill de indemnidade.

Ahi é que podem ter resposta oportuna as diferentes observações que s. ex.^a fez sobre a reforma dos julgados municipaes, das repartições de fazenda do ministerio de fazenda, e, enfim, a respeito de todos os outros actos da dictadura.

Abstenho-me portanto de entrar agora n'essas considerações.

Ha porem um ponto sobre o qual não posso deixar de dizer desde já alguma cousa. E' aquelle de que se occupou s. ex.^a com respeito á reforma d'ictorial, que alterou o subsidio dos srs. deputados.

Pareceu ao illustre deputado que havia n'essa reforma uma offensa aos direitos dos deputados e um ultraje claro e manifesto á representação nacional!

Mas s. ex.^a esqueceu-se de que essa idéa já tem precedentes; porque s. ex.^a sabe muito bem, que por decreto de 8 de abril de 1869 o sr. bispo de Vizeu, que o sr. Lopo Vaz então apoiava, (Apoiados). reformou igualmente os subsidios dos deputados, embora de uma maneira diversa, mas com igual pensamento, que não era outro se não o de fazer economias. (Apoiados).

E sendo isto assim, occorre naturalmente perguntar como é que s. ex.^a, que n'essa occasião estava de accordo com o sr. Bispo de Vizeu, não achou que fosse um attentado fazer essa reforma, e agora se insurge contra igual procedimento que embora realizado por maneira diversa, tem o mesmo pensamento que inspirou o decreto do sr. bispo de Vizeu?! (Apoiados).

Não percebo.

Ora, o que devo dizer a s. ex.^a, é que esta reforma foi uma das que mais acceitação achou na opinião publica. (Apoiados.)

O sr. Lopo Vaz:—V. ex.^a referiu-se ao decreto d'ictorial do sr. bispo de Vizeu?

O Orador:—Perdoe v. ex.^a, mas depois d'esse decreto, depois de 1869, veio o illustre deputado á camara, filiado no partido do sr. bispo de Vizeu, e apoiou essa politica, entendendo que nunca devia levantar a sua voz para fulminar um tal attentado. (Apoiados.) Pelo contrario, tendo perfeita liberdade para se conformar ou não com essa politica, s. ex.^a, entendeu dever apoiar-a, applaudil-a, e por esse facto contrahiu responsabilidades.

O sr. Pinheiro Chagas:—E v. ex.^a combateu-a.

O Orador:—Mas isso não prova nada contra mim. E porque a combatia?

Eu apoiava n'essa occasião a politica de s. ex.^a e apesar d'isso eu julgava que a reforma eleitoral em dictadura era tão contraria aos principios liberaes que fiz as minhas reservas, e se bem me recordo, disse até que protestava...

O sr. Pinheiro Chagas:—É o que devia fazer agora.

O Orador:—Ora para que está o illustre deputado, o sr. Pinheiro Chagas com essas recriminações? Eu tenho esperança de que ainda ha de ser ministro commigo. (Riso.)

O sr. Pinheiro Chagas:—Estive ao lado de s. ex.^a na opposição.

O Orador:—Pois o illustre deputado não se lembra já de quando

eramos aqui só dois: nós, contra os regeneradores. (Apoiados.—Riso.)

O sr. Pinheiro Chagas:—E v. ex.^a lembra-se de quando era o relator do imposto do consumo do partido regenerador?

Vozes:—Ordem, ordem.

O Orador:—Ora! Ha que tempo lá vai isso!

O sr. Pinheiro Chagas:—Desde quando é que data a prescrição?

O Orador:—Não se trata de prescrição. Nem a invoco, nem a preciso.

E eu vou explicar a phrase que empreguei quando disse que ainda tinha esperança de que o illustre deputado fosse ministro commigo. (Riso.)

(Continúa).

NOTICIARIO

Regressou no domingo ao Porto onde veio reassumir o elevado cargo de procurador regio junto da Relação, o exm.^o sr. dr. Augusto Maria de Castro, que esteve com sua exm.^a familia uns dez dias na sua quinta do Fontão (Angeja).

Durante a estada de suas ex.^{as} ali, houve na capella da quinta, a festividade da Senhora do Carmo, que foi muito concorrida.

No dia da festa estava em casa de s. ex.^a um grande numero de pessoas da primeira sociedade de Estarreja e de Albergaria, das suas relações.

— Estiveram tambem na quinta do Fontão, durante aquelles dez dias, as ex.^{as} sr.^{as} D. Maria Magdalena de Sampaio, D. Carolina Souto e o sr. Alipio de Sampaio, sogra e cunhados do sr. dr. Augusto de Castro, e a exm.^a sr.^a D. Adelaide Leão, esposa do par do reino, o exm.^o sr. Vasco Ferreira Leão.

N'um d'esses dias suas ex.^{as} foram dar um passeio de barco no Vouga, agradando-se immenso das bellas e excellencia das suas margens nas visinhanças de Angeja. E na verdade a natureza parece ter sido prodiga de encantos para com aquelles sitios.

Na quinta feira, 9, suas ex.^{as} vieram a Estarreja assistir a um magnifico baile na assembleia, dado em honra do sr. dr. Augusto de Castro e sua exm.^a familia pela primeira sociedade d'aquella importante villa.

O baile foi verdadeiramente imponente, distinctamente servido, em tudo á altura dos cavalheiros que o promoveram e das pessoas em honra das quaes foi dado. Foi sem duvida o primeiro baile que tem sido dado em Estarreja, onde não é nada raro apparecerem bons bailes.

Caldas.—Partiu ha dias d'Angeja para as Caldas de S. Pedro do Sul, o sr. Manoel Maria Ferreira Souto com sua familia.

O augmento das matriculas nos cursos superiores; reunião e representação dos estudantes do Porto.—Reuniram segunda feira de tarde os estudantes da escola-medica do Porto e da academia polytechnica a fim de combinarem o meio de se manifestar contra a elevação das propinas de reis 245910 a 335840.

Resolveram unanimemente enviar uma representação á camara dos senhores deputados, assignada por todos os estudantes da escola-medica e academia polytechnica, pedindo se conserve como está o preço das matriculas.

Ficou para tratar d'esta questão, nomeada uma commissão composta de alumnos de todos os annos da escola e academia.

Os estudantes do Porto estão de harmonia com os seus collegas de Lisboa decididos a trabalhar com toda a força n'esta questão para evitar a approvação d'aquelle projecto, que tanto vem affectar toda a academia portugueza.

A academia de Lisboa já reuniu duas vezes e está envidando todos os esforços no mesmo sentido.

Achamos muito razoavel que se remunerere condignamente o serviço dos lentes, augmentando-lhes os ordenados que são realmente diminutos e constituem mesmo uma vergonha para uma nação civilisada; mas o que não achamos nada razoavel nem toleravel, é que se faça do bolso dos academicos thesouro publico para fazer face aos dispendios da instrucção publica, que já hoje se acha em condições de só ser seguida pelas classes mais abastadas.

Em todos os paizes onde se comprehende que a instrucção é o termometro por onde se afere do progresso d'um povo, os seus parlamentos destinam verbas importantes que vão proteger e facilitar a propagação da instrucção, e nunca se lembram de levantar-lhe difficuldades.

Entre nós, infelizmente, esta questão não tem merecido a conveniente solicitude dos governos.

Estamos certos que a camara dos srs. deputados attenderá e examinará bem as representações que lhe vão ser dirigidas, porque um parlamento nunca poderá desejar lesados os interesses d'uma classe, nem o triumpho d'uma outra qualquer á custa dos sacrificios das mais; mas sim restabelecido o equilibrio entre todas e defendidos por equal os seus interesses.

Mercê honorifica.—O governo acaba de dar o titulo de conselho ao sr. Manoel Firmino d'Almeida Maia, governador civil substituto do districto d'Aveiro, proprietario do *Campeão das Provincias* e sem duvida o homem que mais serviços tem prestado ao partido progressista n'este districto.

Felicitamol-o.

Cintra.—O sr. conselheiro José Luciano de Castro foi passar uns dias a Cintra com sua exm.^a familia.

Incendio d'Opera Comica.—Já ascende a cento e vinte contos a subscrição a favor das victimas d'aquella catastrophe.

Eschola Medica do Porto.—Principiaram hontem os actos n'aquelle estabelecimento scientifico. Começaram pelo 5.^o anno. O 2.^o só faz actos em julho.

Originaes.—Por falta de espaço ficaram alguns originaes por publicar, o que faremos no numero seguinte.

O Bonheiro Portuguez.—Com este titulo deve sahir hoje á luz mais um novo jornal publicado n'esta cidade.

Felicitamos o novo collega e desejamos-lhe longa vida.

Mel e fel.—Com o titulo que nos serve de epigraphe, sahirá brevemente este semanario satyrico-litterario, de que são directores os nossos amigos os srs. Francisco Bacellar e Daniel d'Abreu Junior. Do programma que encontramos sobre a mesa do trabalho, resa o seguinte: «Empreendendo a publicação d'esta folha é nosso intento verberar

a immoralidade, os abusos, o escandalos, os ridiculos—todas as acções censuraveis, enfim; e, ao mesmo tempo, proporcionar aos nossos assignantes alguns minutos de leitura util e agradável.

E mais uma barca que solta a vela aos ventos da publicidade.

Alcançará o porto desejado?

Não sabemos. E' certo, porém, que envidaremos todos os esforços para o conseguir.»

Os preços da assignatura no Porto são: 3 mezes ou 13 n.^{as} (pagamento adiantado) 260 réis.

O 1.^o n.^o sahirá nos principios do mez de julho. Toda a correspondencia deve ser dirigida á administração, rua do Loureiro, 56—Porto.

Desejamos ao futuro collega uma vida cheia de venturas.

Enfermidade.—Acha-se gravemente doente em Aveiro, a ex.^{ma} sr.^a D. Maria José Soares Ferreira, esposa do nosso amigo o sr. José Martins de Pinho.

Fallecimento.—Morreu repentinamente, ha dias, em Angeja a ex.^{ma} sr.^a D. Maria Antonia d'Eça Noronha Mourão, cunhada do sr. Antonio Augusto de Paula Quaresma.

Esta nobre senhora pertencia a uma das familias mais antigas e mais consideradas d'Angeja.

Era já de bastante idade. A sua ex.^{ma} familia os nossos sentidos pezames.

Lux et charitas.—Vai ser distribuido gratis, n'esta semana, um numero unico d'um jornal com o titulo de *Lux et charitas*, sob a direcção do nosso sympathico amigo Daniel d'Abreu Junior, alumno do Gymnasio Lauret.

Afirmam-nos que é collaborado pelos nossos primeiros homens de letras, e pelas conhecidas litteratas, D. Guiomar Torrezão, Albertina Parraizo e Francisca de Bacellar.

Estamos esperando a sua visita, para fazermos a apreciação merecida.

Exame.—Fez em fins da semana passada exame para confessor no seminario do Porto, o nosso particular e distincto amigo, o sr. P.^o Adelinio Correa d'Aguiar, sobrinho do sr. bispo-conde. Este nosso amigo é um dos padres da moderna geração mais despidos de preconceitos e mais social, o que lhe tem valido grande numero de sympathias de todas as classes e bastante instruido.

E' um verdadeiro padre moderno em toda a extensão da palavra. D'aqui o cumprimentamos.

Descarrilamento.—Na segunda-feira, o comboio de Madrid, descarrilou ao aproximar-se da fronteira portugueza, tendo os passageiros de vir para Lisboa n'um comboio expresso que foi prestar soccorro.

Não houveram desgraças, soffrendo somente o susto.

Henrique de Macedo.—Fallase já em ser novamente chamado s. ex.^a, para assumir a pasta da marinha. Muito estimamos que assim aconteça.

Trovoadas.—Annunciam-se já bastantes estragos nos vinhedos e searas de Castello de Vide, causados pela trovoada. Em Torres Novas cahiu saraiva grossa que damnificou muito as novidades.

Grévistas.—Correm diversos boatos acerca de novas grèves em diferentes corporações. Em Lisboa já se estão aguardando prevenções.

SECÇÃO LITTERARIA

A MENTIROSA

EM toda a minha vida só amei uma mulher, dizia-nos um dia o pintor D.... Passei com ella cinco annos da mais perfeita felicidade, de alegrias tranquillias e fecundas. Posso dizer que lhe devo a celebridade que hoje tenho, de tal modo a seu lado o trabalho me era facil, a inspiração natural.

Quando a vi pela primeira vez figurou-se-me que já a possuia ha muito. A sua belleza, o seu character correspondiam a todos os meus sonhos. Esta mulher nunca mais me abandonou; morreu em minha casa, nos meus braços, amando-me...

Pois bem! quando penso n'ella, é sempre com cólera. Se procuro representar-m'a tal como a vi durante cinco annos, em todo o deslumbramento do amor, com a sua grande estatura ondulante, a sua pallidez dourada, os seus traços de judia do Oriente, a sua palavra lenta, avelludada como o seu olhar, se procuro dar um corpo a esta visão deliciosa é para melhor lhe dizer: *Odeio-te!*...

Chamava-se Clotilde. Na casa amiga onde nos encontrámos, era conhecida pelo nome de madame Deloche, e diziam-n'a viuva d'um capitão de navios.

Com effeito parecia ter viajado muito. Conversando, dizia ás vezes, repentinamente: *Quando estive na Alexandria...* ou então: *Quando estive em Valparaizo...* Fôra d'isto, nada no seu aspecto, na sua linguagem, deixava perceber a vida nomada, nada trahia a desordem, a precipitação das partidas imprevisas e das bruscas mudanças.

Era pariziense, vestia-se com grande gosto, sem nenhum d'estes excessos de vestuario que deixam advinhar as mulheres de officiaes e de marinheiros perpetuamente em costume de viagem.

Quando percebi que a amava, a minha primeira, a minha unica ideia foi de a pedir em casamento. Alguem fallou-lhe de mim. Respondeu simplesmente que nunca mais se tornava a casar. Evitei então encontral-a; e como o meu coração estava verdadeiramente ferido, e o meu espirito muito occupado para me permittir o menor trabalho, resolvi ir viajar.

Preparava-me para partir quando, uma manhã, na minha propria casa, entre o amontoamento das cousas dispersas e das malas em desordem, vi, com grande espanto, madame Deloche que entrava.

—Porque é que vae partir? disse-me docemente... Porque me ama?

Tambem eu o amo... Sómente (e a sua voz tremia um pouco) sómente sou casada!

E contou-me a sua historia. Um completo romance d'amor e de abandono. Seu marido embriagava-se, batia-lhe, e separaram-se no fim de trez annos.

A sua familia, de que se mostrava muito orgulhosa, occupava uma elevada posição em Paris, mas desde o seu casamento nunca mais a quizeram ver, nem receber.

Era sobrinha d'um grande rabbi-no. Sua irmã, viuva d'um official superior, tinha desposado em segundas nupcias o guarda geral da floresta de Saint-Germain.

Ella, arruinada por seu marido, tinha felizmente guardado d'uma educação de primeira ordem, com-

pleta e muito cuidada, aptidões que eram agora o seu unico recurso. Dava lições de piano por casas ricas, e ganhava largamente com que viver.

A historia era tocante, mas um pouco longa, cheia d'estas bonitas repetições, d'estes incidentes interminaveis que embrulham os discursos femeninos. Levou muitos dias a contar-m'a. Alignei, entre ruas silenciosas e relvas tranquillias, uma casita para nós ambos. Teria alli passado um anno a ouvir-a, a admiral-a, sem pensar no trabalho. Foi ella a primeira que me obrigo a ir para o atelier, e não pude impedil-a a que retomasse as suas lições. Esta dignidade da sua existencia, por que mostrava ter tanto cuidado, impressionava-me muitissimo. Admirava esta alma orgulhosa, sentindo-me um pouco humilhado diante da sua vontade formal de nada dever senão ao seu trabalho. Estavamos, por tanto, separados todo o dia e reunidos sómente á noute, em nossa casa.

Que feliz que eu entrava, tão impaciente quando ella não tinha ainda chegado e tão alegre quando ella tinha chegado primeiro!

Das suas caminhadas por Paris trazia-me ramos, flores raras. Muitas vezes quiz obriga-la a acceptar-me um presente, mas dizia rindo, que era mais rica do que eu, e o facto era que as suas lições deviam-lhe render bastante, porque se vestia sempre com elegancia, que custa caro, e o preto de que usava para fazer sobressahir a sua côr e a sua belleza tinha mates de velludo, brillos de setim e de jaspe, espumas de rendas finas onde o olhar descobria, sob uma simplicidade aparente, mundos de elegancia feminina nos mil reflexos d'uma só côr.

De resto a sua profissão nada tinha de penoso, dizia. Todas as discipulas, filhas de banqueiros e de jogadores da Bolsa, adoravam-n'a, respeitavam-n'a; e por mais d'uma vez me mostrou um bracelete, um anel que lhe tinham dado em signal de gratidão pelos seus serviços, fôra do trabalho, nunca nos separavamos; não iamos a parte alguma. Sómente, ao domingo, partia para Saint-Germain onde ia ver a irmã, a mulher do guarda geral, com quem, havia muito tempo se tinha reconciliado. Acompanhava-a á estação. Voltava d'essa mesma noite, e muitas vezes, nos dias grandes, ia esperal-a n'uma estação do caminho, á borda do rio ou no bosque. Contava-me a sua visita, o estado dos pequeruchos, o ar feliz do ménage. Isto pesava-me por sua causa, privada para sempre d'uma verdadeira familia, e redobrava de ternura, para lhe fazer esquecer esta falsa posição que devia atormentar horrivelmente uma alma como a sua.

(Conclue). Alphonse Daudet.

A CASA DO CORAÇÃO

O coração tem dous quartos :
N'elles moram sem se ver,
N'uma Dôr, n'outro o Prazer.

Quando o Prazer no seu quarto
Acorda cheio de ardor,
No seu adormece a Dôr.

Cuidado, Prazer! cautela...
Falla e ri mais de vagar,
Não vás a Dôr acordar.

Anthero de Quental.

A NOIVA

(A JOÃO CHRYSOSTOMO)

Eugenio Gomes abandonára os bancos da Universidade aos vinte e cinco annos de idade.

Correra pressuroso á sua terra natal para estar mais perto de D. Branca, sua visinha, que estremecia apaixonadamente.

Ambos aguardavam com ansiedade essa occasião, porque só depois de concluida a formatura de Eugenio se podiam unir, identificar os seus sentimentos e as suas dedicações.

Ha muito que os seus corações se achavam bem presos.

Conhecera-se em creanças. Cresceram, e suas almas enlaçaram-se estreitamente.

Eugenio—uma alma enflorada de nobres sentimentos, que se extasia por tudo quanto é bello e sublime, via em Branca a flor formosa a engrinaldar-lhe a existencia.

Branca—um coração onde reside um amor candido e angelico, via em Eugenio o seu unico arrimo, a sua unica consolação.

Chegou finalmente o dia de nupcias.

Mal a luz da madrugada começava a tingir as regiões do oriente, já a noiva se levantava, e alegre como a cotovia, sorria, sorria, sorria á janella, saudando o surgir da aurora.

Havia no ambiente uns perfumes a magnolias. Cantavam os pintasilgos nas balseiras; a folhagem ramalhava brandamente com a viração da manhã; e os lyrios abriam as petalas para receberem o vivificante rocio matutino.

O céu não tinha uma nuvem, nem o véo das nebrinas lhe embaciava o azul.

Os maviosos gorgeios de passarinhos, e o suave murmurar do arroio, que serpeava proximo da casa de Branca, tornavam risonho e feliz aquelle dia á noiva.

—Que formosissimo amanhecer! exclamou a noiva.

O seu rosto resplandecia com um jubilo indefinivel, e um leve estremecer d'amor, sacudia-lhe agradavelmente o corpo delicado.

Em seus olhares appareciam e desapareciam castos desejos.

O anor brincava em seus labios, que abrindo-se a mêdo, mal deixavam escapar os timidos suspiros do seu coração.

E' que amava Eugenio Gomes com toda a bem querença possivel.

Branca erguera-se ao desmaiar das estrellas.

Podera! aquelle dia era o do seu noivado.

Voltava repetidas vezes á janella, e da penultima vez Branca parecia estar triste.

Saberia ella a causa? Não, por certo.

Todavia uma vaga melancholia a invadia e a prendia á janella, olhando em direcção por onde devia chegar Eugenio Gomes.

De quando em quando suspirava, porém os seus ais cessavam com a lembrança do noivo. Depois entregava-se a phantasiar um futuro onde as suas almas se recreassem no meio de rosas e rubis.

O sol ia já alto. As avezinhas entoavam festivos trinados por entre o rosal florido. Os jasmims e as madsilvas derramavam no ar ondas de fragancias.

A sala estava cheia de convidados.

Avisinhava-se a hora de irem ao templo, e Eugenio não chegava.

Annuvia-se o semblante de Branca.

Não sei que infortunio lhe segreda o coração. As imagens côr de rosa e oiro que se formaram em seu espirito, desvaneceram-se rapidas como o scintillar do relampago.

Todos se admiram da demora de Eugenio.

Um dos convidados, amigo intimo do noivo, vae a sua casa saber o motivo da delonga.

Decorrida meia hora regressa o conviva, mas vem só.

Branca empallideceu. O coração atropellava-se contra o peito. E quando soube a razão por que Eugenio não viera um grito lhe sahiu do seio, e cahiu ao chão. Todos a rodeiam. O coração não pulsa e a noiva, a mimosa flôr que ia engrinaldar a existencia de Eugenio Gomes, morreu.

E' que Eugenio fôra morto em duello, pois quando se dirigia para casa de Branca, alguém houve que lhe insultou a noiva, cobrindo-a das maiores injurias.

Bateram-se, e Eugenio querendo vingar a honra de Branca, foi morto.

A. Leão Martins.

NAUFRAGIO

Na agua onde começa a accender-se o luar,
a ramaria põe confusas manchas negras...
O ninho que ali vae sobre a onda, a boiar,
era de toutinegras.

Vede, as pobres são trez. Não vos infunde magua
vel-as assim afflictas,
tentando em vão suster-se á superficie d'agua
co'as azas pequenitas?

Os paes, loucos de dôr, tremendo de agonia,
e de amargura emfim,
soltam gritos de dôr como outr'ora Maria,
por uma noite assim...

Com o biquito ancioso e curvos sobre o rio,
tentam inda salvar o triste afflicto bando...
Mas sobre as aguas corre um vento agreste e
frio
e o baixelito vae boiando... vae boiando...

No fundo d'esse abysmo e d'esse resplendor,
onçe o azul se alaga,
dize, que fazes tu para não vêr, Senhor,
que esse ninho naufraga?

Se é certo que sorris, vendo rir as crianças,
porque deixas morrer os pobres passarinhos?
Tem dô das mães, Senhor! Salva as loiras es-
p'ranças,
salva os berços e os ninhos.

7 maio 84. Jayme de Seguir.

DOLOROSA

Quando na doce curva voluptuosa
Do teu seio mimoso,
Tu, sorrindo, collocas uma rosa,
Com um gesto gracioso.

Eu creio que essa flor encantadora,
Tão fresca e perfumada,
Inveja a tua face côr de aurora,
O' minha doce amada!

Alfredo Alves.

PRIMEIRA LAGRIMA

Eu disse que te amava, e conseguiste
Matar o meu amor, cynicamente;
E viste-me chorar; então sómente
Olhaste com desdém, passaste e riste.

Outro te amou, mais outro... e não sentiste
A sombra d'um affecto. Simplesmente
A- desfolhar-se uma illusão tremente
Olhaste com desdém, passaste... e riste!

Veio do tempo a fria mão de gélo;
Pôz um cabello branco em teu cabello,
E quando, finalmente, o divisaste.

Olhaste em volta—o espaço era vazio;
Palpastes o peito—achaste o peito frio.
Éras bem só, mulher! Então choraste!

Accacio Paiva.

MADAGLENA

(a MANOEL I. FREITAS E CASTRO)

Já te vi estonteada em ferverosa orgia,
Bebendo doidamente as loucuras do vinho...
Davas o gasto amor em fingido carinho,
E o teu corpo banal áquelle que o pedia.

Mas logo que rompeu, em feixes de magia
Da madrugada a luz, cahiste em somnolencia...
E eu, n'esse adormecer envolto d'indolencia,
Divisei no teu rosto uns traços d'alegria.

Ao contemplar-te assim, eu murmurei tristo-
nho:
—Pobre de ti mulher! como és feliz no sonho...
E deixei-te dormir... para que te accordar?!

De repente um olhar abriste enlanguescida,
Fugiu-te a illusão mostrou-te em frente a Vida
Deixando em tua face o pranto a gottejar.

Coimbra—84.

João Chrysostomo.

HORAS VAGAS

CHARADA NOVISSIMA

—Retribuição—

Ao Caloiro auctor das charadas:
Clara-boia e Deshonra

1, 1, Retribuo chamando-lhe um sabio!...

LOGOGRIPHO

(a Antonio de Lemos)

Quando te vi minha amada 2, 3, 5, 4, 3, 2.
Ideal estremeçada,
Como uma pomba nevada,
Toda de branco vestida.

A minha alma apaixonada
Encheu-se d'amor e vida
Quando te vi minha amada 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 2.
Toda de branco vestida.

Bem por sobre o coração
Trazias tu meu amor
Uma delicada flor! 2, 1, 8.

Quem me dera ser então
Essa delicada flor
Que tinhas no coração.

EM VERBO

«Eu bebo
«Tu bebes
«Elle bebe
«Nós bebemos
«Nós bebeis
«Elles bebem — 2.

«Eu como
«Tu comes
«Elle come — 2.

— C. —

«Nós comemos
«Nós comeis
«Elles comem.

ENYGMATA

A. X.

Animal diz.

TELEGRAMMA

1—1—1 Fragata navega?

EM LOSANGO

— Esta letra
— Deus te livre de soffrer,
— Este fructo
— Só no Papa podes ver.
— Esta bella
— Pode tambem ser paiz
— E letra diz.

EM QUADRO

---- A dama é muito catita
---- Fica-lhe bem aquella côr.
---- Inspira mesmo terno amor
---- Mas'filha!... não acorda?

ENYGMATICA

Se a segunda na primeira
Com certeza se vae vêr,
Não virá o todo a ser
Planta mui corriqueira?

EM TRIANGULO

----- Aquella dama tão galante
----- Usa tal composição,
----- Que a dança é interessante!
----- Parece a filha d'um gigante
----- Commandando um batalhão!

DECIFRAÇÕES

Do n.º 13:—Aureliana e Vaganau. *
» » 14:—Clara-boia e Deshonra.

* Esta charada safu com troca de pa-
lavras, deve ler-se:

—No mar navega que gaiato. 2, 1.

Porto. Narciso d'Albuquerque.

PELOS THEATROS

BAQUET. — Foi muito escassa a
concorrença ao espectáculo em be-
neficio dos coristas da extincta com-
panhia de zarzuela de Maximino
Fernandez (filho).

A casa foi briosamente cedida
pelo nosso amigo e actual empresa-
rio o snr. Cyriaco de Cardoso.

RECREIOS. — Com o popular
drama—*Santo Antonio*, inaugurou no
domingo ultimo os seus espectacu-
llos, uma nova empresa composta de
varios artistas das companhias do
Príncipe Real e Baquet que, durante
a estação de verão, teuciona explorar
este theatro.

No desempenho que foi muito
correcto distinguiram-se os actores:
Wanmeyl, Soares, Pato Moniz e
França.

Bonne chance.

Gil-Vaz.

ESPECTACULOS

Café Cantante Andaluz. — Che-
gou expressamente de Hespanha,
para este café, a S. Lazaro, um inte-
ressante grupo de flamencas que, to-
das as noites cantarão variadas can-
ções hespanholas e bailarão zapatea-
dos com acompanhamento de guitar-
ra e piano.

Entrada 100 reis com direito a
qualquer consumo equivalente a 40
reis. Principia ás 5 da tarde.

La camarera-mór—*Martha*.

Café concerto «Progresso».—Esta-
beleceu-se ha poucos dias no salão
do theatro Príncipe Real este café,
que reúne todas as commodidades
precisas a um estabelecimento d'es-
ta ordem.

Todas as noites zapateados com
acompanhamento de guitarra.

Entrada 100 reis com direito a
qualquer eguaria equivalente a 40
reis.

PEROLA

VALSA PARA PIANO

POR

ANNIBAL VASCO LEÃO

A' venda na rua do Pinheiro, 61

Preço . . . 600 reis.

ANNUNCIOS

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^a
UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Idefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com
especialidade as marcas
FLATTING e CRYSTAL,
tanto de primeira como
de segunda qualidade.



E' já bem conhe-
cida a superioridade
d'estes vernizes.
Dá-se amostras a
quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flatting, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 15800 reis.
Verniz Crystal, de 1.ª qualidade, galão, 25200 reis;—de 2.ª, 25000 reis.
Desconto para revender.

IMPRESA REAL—Praça de Santa Thereza, 43, 44 e 45—PORTO.